



Redacção e admin. Praça dos Restauradores, 43 a 49. Comp. e impressão Typ. Pinheiro, R. Jardim do Regedor, 39 e 41

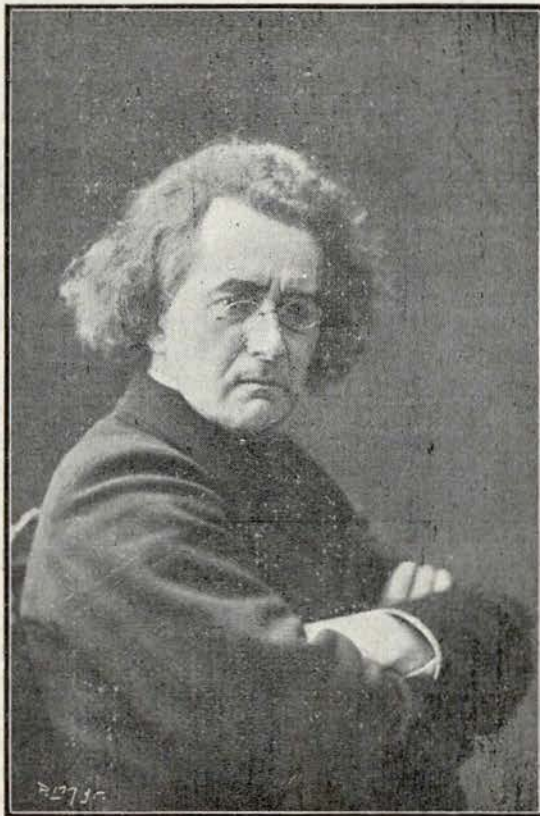
SUMMARIO : — Edgard Tinel. — Schumann. — Noticario. — Necrologia.

## Edgard Tinel

Falleceu este notavel musico belga aos 58 annos, deixando uma obra que não sendo numerosa nem possuindo o brilho que encanta, se extrema comtudo no cuidado da fórma e na seriedade altiva da expressão, de muita trivialidade mais largamente conhecida.

Tinel estava ha quatro annos á frente do Conservatorio de Bruxellas.

Tinha nascido em Sinaay em 1854 cursando no Conservatorio de Bruxellas as aulas de Brassin, Kufferath e Gevaert. Em 1877 alcançava o grande premio de Roma para compositores musicas, foi nomeado director da Escola Archiepiscopal de Malines e mais tarde professor de contraponto no Conservatorio de Bruxellas. Nos ultimos annos de Gevaert ninguém duvidava que Tinel lhe viria a succeder, dizia-se mesmo que o proprio Gevaert o indicava como seu successor; a nomeação de Edgard Tinel para o mais elevado cargo musical do seu paiz não foi portanto uma surpresa.



A sua reputação como compositor firmou-se logo com a sua primeira oratoria *Franciscus* que foi executada com enorme exito nos *Concertos Populares*. A lenda de S. Francisco d'Assis era aqui dividida em duas partes que contrastavam uma com a outra: primeiro, a vida profana de S. Francisco; depois a sua vida religiosa.

Tinel que era um catholico sincero procurava tornar sempre a musica fiel interprete das suas convicções religiosas. Na sua segunda oratoria *Sainte Godelieve* esta intensão é mais apparente ainda do que no *Franciscus*.

Esta austeridade persiste no drama *Katarina*, executado no theatro da Monnaie. A obra é de uma elevação sustentada, cheia de nobreza artistica e tem paginas bellas. O compositor fez aqui algumas concessões ao gosto profano, sobretudo no bailado que é encantador e chega quasi a fazer lamentar que as convicções do artista o obrigassem as-

sim constantemente a fazer da musica um meio de edificação.

Estas tendencias são de resto em si perfeitamente respeitaveis e não se póde senão applau-

dir os escrupulos que assim lhe faziam sacrificar o suffragio do numero ao seu ideal mystico.

Tinel escreveu tambem um *Te-Deum* e numerosas obras de musica religiosa.



# Schumann

Algumas palavras apenas...

(Conclusão)

No Espirito ha, como tenho dito, a atividade infinita, absolutamente espontanea, absolutamente livre, ella não tem nenhuma pastosidade, dá-se numa facilidade absoluta. Não é pesada, é facil, livre. Ora o «trapu,» o «gauche» não é sempre pesado? Assim me parece e a liberdade absoluta que o dinamismo espiritual possui não tendo nada que a oprima, que a contenha, que a vença ou que pelo menos alguma dificuldade lhe oponha, é sem dúvida expressa na pintura por figuras «elancées», figuras que livremente se expandem, que por nada são oprimidas, e na musica por um misticismo puro, uma impetuosidade facil, livre, etérea, não pesada, pastosa, como até certo ponto é a de Beethoven. Esta é brutal, não é espiritual, desenvolve-se como um rolo imenso de densa tapissaria que atravez dum precipicio se desenrolasse toda ou como uma torrente caudalosa que tambem pesadamente consigo arrastasse rochas esmagadoras. Na musica espiritual deve haver outra liberdade, outra facilidade que não sendo pesada, sendo leve e que existindo numa atividade infinita se exprime numa infinita nervosidade que em seu esterismo puro possui uma expansão absoluta que nada de dificultosa, de pesada, de dura tem! Nessa expansão infinita, absoluta, a atividade espiritual, mistica, divina, não humana nem animal, não defenivel, mas absolutamente indefenida, possui sem dúvida uma superioridade absoluta que só a maior nobreza exprime! Qual é o contrario da nobreza? O plebeismo que atravez de várias gradações por fim com a nobreza se continua, sendo Beethoven e Dürer a transição sublime, e que só é o resultado de qualquer opressão contra que animalmente riage. A nobreza impõe-se naturalmente porque não possuindo a necessidade de riagir, livremente se póde sublimar sempre, e a sua sublimação, não brutal como a de Beethoven que na sua obra exprime o riatismo vigoroso que nunca os russos puderam atingir apesar de todos os seus esforços

riatores que nunca da inferioridade fizeram os saír, e a sua sublimação, digo, espiritual, mistica, livre, absolutamente expansiva, dum dinamismo vibrante de ancia que nada procure conter, da ancia infinita do estérico, não a ancia depressiva e por isso por vezes animal do neurasténico ou do epilético, não aquélla que é combatida, que assim se dificulta, se animalisa e a sua sublimação, a sublimação da nobreza, o resultado é da indiferença com que tudo ella olha, ou antes da sua absoluta cegueira provocada pela sua liberdade, pela sua expansão absoluta a que nada se opõe, que nada contraria! Só não ha nobreza quando ha coação, maior ou menor. Assim, é plebeu o carácter dum homem mesquinho que de tudo depende, que escravo é de tudo. Ao contrario, o homem livre, o que peias nenhuma possui, o que tem uma personalidade infinitamente forte, não, aquélla que procura dominar os outros, que a elles mais ou menos forçadamente se adápta pois, que deles em ultima análise depende, mas que os outros não vê, que a tudo é indiferente, que só de si, do seu eu vive, que em si encerra a vertigem infinita, absoluta, que portanto, desconhece o defenido, o estatico, a atividade deficitosa, mais ou menos material, que não tem sensações, ideias, sentimentos, quaesquer fenómenos na apparencia, mais ou menos pastosos, implasteciveis, lentos, o homem livre que infinitamente dinamisa o seu espirito, que da vertigem espiritual, inextensa, toda acentuada na Inextensão Absoluta, que dela, só dela vive, esse homem a que nada se opõe, que nada contraria, eleva-se sempre, ou antes, numa iterna elevação, num eterno e infinito puder vive, e é nesse puder infinito, nessa expansão espiritual, e portanto, infinita, absoluta, da personalidade, é nesse puder que não se exteriorisa, materializando-se, tornando-se dificultoso pela riação da matéria, da extensão, que não se exprime no exterior perdendo o seu absolutismo, é nele, o contrario da depressão, da fraqueza, da dificuldade de expansão, da dependencia, da opressão, da mesquinhez, do plebeismo enfim, é nele que a nobreza, a verdadeira nobreza se exprime, se acentúa!... A que não é livre, é uma falsa nobreza. Póde-se dar o caso de, sendo preparada, a pouco e pouco ir perdendo a sua liberdade, a sua expansão, o seu personalismo essencial que não se revolta, não riage por não se ter educado na riação, antes desnecessaria; póde-se dar o caso de conservar a sua distincção por a luta, sempre opressora, mais ou menos plebeia, animal, sintoma mais ou menos acentuado de fraqueza, por ella se não manifestar pelo desconhecimento dela em que a nobreza se educou, e é isto que se dá nos ingleses que não procuram riagir, lutar contra as peias psicologicas que os envolvem,

que os constituem, e que propriamente não lutam na vida prática pois apenas lentamente desviam as peias dessa vida, sem ímpeto, sem ardor, sem nervosismo, ímpeto, ardor, nervosismo que só quando espiritual conhecem, quando livre, expansivo, quando ele de si próprio vive, quando existe por ser sublime, quando em si, na sua vertigem encerra o fim, quando tem por fim a sua própria vertigem, a sua própria ancia, quando fim estranho não possui, fim estranho que para se alcançar dificuldades se precisassem vencer, mas essa distinção, esqueleto da nobreza espiritual, livre, o qual os ingleses ainda possuem, ela que não permite verdadeiras raições sempre mais ou menos animaes, ela, por não exprimir a liberdade, o puder absoluto do espirito, a expansão espiritual da personalidade, ela, como esqueleto emfim, não é já toda a nobreza, a verdadeira nobreza a que nada se opõe, que nada contraria. Ha nos ingleses distinção porque eles da nobreza conservaram o espirito irriativo, agora prejudicial mas que toda a sua alma enche; esse espirito, porem, que só razão de existir tem quando a liberdade é absoluta, quando nada ha contra que se deva riagir, quando nenhuma opressão existe, esse espirito só por si não é a nobreza, a verdadeira nobreza, só a constitue quando possui um motivo de existencia! E atravez da distinção inglesa notam-se as peias da sua vida psicologica, da sua vida. Essa distinção é bem estatica, possui uma natureza bem claramente opressiva e é isto que se dá em geral, com todas as aristocracias. A nobreza só existe verdadeiramente quando a independencia espiritual dos que a possuem é absoluta, quando é absoluta a sua liberdade. Essa nobreza que tem assim, a expansão do Espirito, é vertiginosa, duma vertigem infinita que como infinita toda se substancia em cada eu, toda se concentra nele, toda se acentúa, personalizando-se em absoluto. E é desta nobreza que Columbano se aproxima um pouco, ele presente-a pelo menos, e a alma de Schumann é então por ela quasi completamente vivificada! Em rigor, só numa existencia absolutamente espiritual ela se exprime e Schumann apesar de ser mais esteta do que artista não deixa de possuir a aparencia humana, mais ou menos material, não deixa de possuir necessidades humanas, materiaes que a nossa vida de hoje ainda oprime! Mas dentro dos limites acanhados da existencia aparentemente material que na aparencia pouco tem de dinamica, que não parece possuir o dinamismo, a atividade livre, absolutamente expansiva, dentro desses limites opressores, Schumann é o ser com tendencias espiritualistas que mais salienta em si a nobreza vertiginosa da Inergia Pura, da Pura Ancia!...

Sim, ele não possui um emotivismo mais ou

menos definivel como Beethoven e Wagner, como, em geral, todos os artistas que até agora tem existido, ele possui a imensidade vertiginosa sem fim defenido, a que de si propria vive, que por si propria, pelo seu sublimismo existe, a imensidade vertiginosa, a força imensa que nada contem e que cegamente caminha atravez do labirintismo infinito, absoluto das monades, aquela em que em convulsões infinitas o Espirito iternamente se debate!... Não é divagativa a sua obra, ela surge imensamente dividida por destaques bruscos que nada explica a não ser o caos, a desordem mas atravez desses pedaços convulsivos que uma psiconevrose infinita para o som sublime da musica impetuosamente atira, atravez desses pedaços duma alma vertiginosa que numa caricatura ardente vigorosamente acentúa a caotica complexidade da alma humana, enigma sublime que mal exprime ainda a vertigem do Espirito, atravez desses pedaços vibrantes dum esterismo elevado, todo o Espirito em suas contorcidas crispações cheias d'ancia, todo ele se sente, qual vaga etérea duma hyperestesia vigorosa! ..

Sim, é Schumann o precursor sublime cheio duma vida em extase, um extase vibrante, o precursor supremo do Hyperesteta, do ser que estranho a todo o sensibilismo material, humano, só do Espirito vive, só por ele é fortemente personalizado!... Outr'óra, nesses tempos que a materia mal idialisavam, nesses que do Egypto á Phrygia, da Syria á Tracia só a sensação dominava, nesses tempos remotos dum passado de luz que do Oriente á frigida Scandinavia lentamente se foi apagando toda numa espiritualização mistica dum divinismo supremo, nesses tempos remotos cheios duma vida material que nem os poéticos chananeus na rialidade conseguiram espiritualisar — não era Jehovah um deus estranho que a humanidade acabrunhava num dominio tiranisador?... não era o espirito divino inatingivel nos ceus que numa suprema altivez olhavam a terra?... não era emfim Deus um ser incompreensivel que só nas suas obras materiaes era conhecido e amado e que na alma do homem se não encarnava todo, espiritualizando-o numa personalização absoluta, a que a vertigem toda vivifica?... — nesses tempos luminosos do passado em que só a luz dominava e não o Espirito, neles em que o homem se sentia escravo da natureza e o nobre personalismo do Espirito, da Vertigem Infinita, não reconhecía, neles a sensibilidade era a faculdade suprema que os homens tiranisava!... Nos tempos em que as festas dionisicas e os misterios de Atys e Cibele animavam a Thracia e a Phrigia — mais longe, a um passado mais remoto não desejo ir — nesses tempos em que toda a materia exterior vivamente impressionava os homens que

temiam até o desaparecimento, a perda do sol na noite e no inverno, nessas eras em que o luto e a festa eram ardentemente sentidas em seu materialismo — tão sentidas que no misterio sagrado do enterro d'Atys muitos homens num choro convulsivo pela perda proxima do astro luminoso ardentemente se castravam, nessas remotas eras, precursoras do calmo helenismo em que a materia não surgia já em convulsões caóticas mas na serenidade suprema dum estatismo belo, nelas só uma vida de sensações sem dúvida existia! A natureza visual sobre os homens d'então exercia uma influencia tal que nós hoje mal compreendemos; os amantes modernos da natureza nada sentem ao lado dos thracios e helenos. Hoje o artificio domina e esse artificio que Baudelaire genialmente cantou apenas exprime o desejo ardente do homem em dar á matéria um sublimismo que só forçadamente se pôde dar e que só o Espirito em sua liberdade possui! O homem d'hoje não se contenta com as sensações vulgares, sente nelas qualquer inferiorismo e por isso com ardor e cheio dum nevrotico spleen, não vendo ainda o Espirito, essas sensações quer transformar, ignorando, pobre doente, que elas jámais lhe poderão dar o goso supremo a que ele aspira mas que ele não compreende!... O homem moderno sente qualquer necessidade, sente a sua vida inferior mas não conhecendo o que deseja, torna a matéria ainda mais opressora do que já é. Baudelaire que sublimemente encarna o aneio do homem pelo desconhecivel, julga que só no artificio se encontra o prazer e bem depressa sente o spleen maior pois é só á Vertigem que o homem d'hoje rialmente aspira. Ele não se compreende, desconhece-se, julga que á apparencia material fatalmente se encontra preso e que por isso tantos esforços emprega em a tornar ao menos mais bela que por fim mais preso a ela fica. O que na materia o desgosta é na rialidade a opressão estatica e só na Vertigem do Espirito que Schumann como nenhum outro genialmente presente, só nela, o homem, dinamizando a sua alma, pode encontrar a libertação suprema que um supremo goso lhe dará. Ao passo que outr'ora toda a arte era exclusivamente sensacional, ao passo que só nas sensações expressas, sensações visuaes ou sonoras, o homem gosava, hoje essas sensações em si só o desgostam, só o oprimem e tem de ellas de a si proprias se transcender, tem de sugerir o Espirito em suas convulsões. A musica em si, a musica pura, como a pintura ou a escultura classica não nos comove, o som ou a sensação visual em si já para nós não tem beleza como tinha para os povos d'out'ora que por uma simples flauta ou citara eram vivamente impressionados; o som e as sensações visuaes tem de sugerir qualquer cousa a elas propriamente estranha,

para que com elas deliremos; não podemos já viver exclusivamente das sensações da materia, temos que transcender a nossa alma e era isso que Baudelaire devia ter compreendido para gosar um goso infinito. Ele sentia a vida vulgar muito inferior para ele que entre a materia e o Espirito estava, mas não tocando ainda o Espirito não sabia o que anciava, aquilo a que a sua alma, dele proprio incompreendida, aspirava toda. Foi pois infeliz, o mais infeliz dos homens. Queria erguer-se da materia mas não vendo ainda o Espirito, não o compreendendo ainda, á opressão material, nos seus esforços artificialisadores se prendeu mais, mais sofrendo!...

Não, não era na materia que ela ainda poderia encontrar prazer, dela francamente devia sair como saiu Schumann! Ardentemente se debateu nas malhas materiaes que o horrorisavam e nessa agonia anciosa mais essas malhas apertou. Deixae os artificios da civilização, não queiraes dar beleza á materia que vos enganará sempre, desprendei-vos dela emfim, erguei-vos á vertigem do Espirito e só então tereis o supremo prazer que todo vos personalizará. Não criéis mais peias, libertae-vos delas. A materia, a sensação já vos não pôde satisfazer como não me satisfaz já, elevae-vos pois, introduzi-vos francamente na sua essencia espiritual que é a vossa essencia e assim preparareis o advento ardentemente anciado por vós sem o saberdes, da era sublime em que o hyperesteta, o puro Espirito dominará!... Este da arte não ha-de precisar como vós ainda hoje precisais, como nós todos precisamos, ele não se erguerá, como nós, ao Espirito atravez da materia, da sensação; não, a sensação como o sentimento e como a ideia, como toda a alma psicologica do homem d'hoje, será dele desconhecida, pois ele, todo o Espirito será em seu convulsionismo infinito!... A vertigem da Anceia, só ela, personalizará todo o seu eu! Supremo sublimismo a que a Existencia se erguerá toda!...

Maio de 1912.

Sousa Leal.



## Cartas a uma senhora

176.a

De Lisboa.

N'este lindo novembro que vae correndo, com céus d'um azul sem mancha e ondas de

sol tudo envolvendo na sua poalha d'ouro, não se pôde pensar demasiado em coisas tristes, que é quasi um crime.

Tanta serenidade no ar, tanta frescura na terra; poentes que são um deslumbramento de côr e uma maravilha de tonalidades, e as rosas e as violetas embriagando-nos com os seus aromas, que parecem uma carícia de mulher ou um beijo de creança, tudo isso que é uma incomparavel symphonia de belleza, capaz de amolecer as mais empedernidas almas e de desenrugar o mais avincado rosto, claramente, docemente, nos está cantando a adoravel canção da paz e da alegria.

Mas veja a minha amiga como nós somos bem as creaturas paradoxaes e contradictorias que nunca ninguem ha de entender deveras!

Precisamente diante d'um tal scenario de sonho, com uma tepidez de temperatura que é uma delicia, ainda ha mal humorados que resmungam, e praguentos que blasfemam!

Ah! Eu sei, eu sei que ao mesmo tempo a miseria é vasta, a fome é negra, o presente é dubio e o futuro é triste; mas, perante a natureza calma e risonha, parece que a humanidade arisca deveria por instantes fraternisar benigna, e curar apenas de enxugar as lagrimas dos que choram, e calar as boccas dos que clamam, dando a uns consolo, fornecendo a outros pão.

Por meia duzia de dias, de mezes, de annos, que havemos de viver, não lhe parece que valeria bem a pena, em vez de nos atasalharmos de odios, esparzir a sonhada concordia e a possivel ventura entre quantos pela estrada seguem?

Mas, que quer? o demonio da ambição, o monstro do ciume, a serpente da intriga, remordem, businam, rastejam, e tudo se inquina e macula, e tudo se afunda e dilue.

Isto por cá. Que quando olhamos para longe, então o horisonte mostra-nos laivos de sangue e nuvens de fumo, e como que nos traz nas dobras do vento e nas voltas do mar echos merencorios de peitos que se desfazem, de vozes que se afogam...

Dizem que novas estrofes de liberdade e de direito estão sendo escritas, e que pequenos grandes povos, secularmente tiranisados despertam afinal para a redempção e para o progresso; mas por que preço, Senhor Deus, estão pagando as suas cartas de alforria, e que interminavel sebe de cadaveres ainda lhes occulta, aos seus e aos nossos olhos, a prometida e inspirada estancia de eucharistica felicidade!

Ignoro, boa amiga, o que o porvir pessoalmente nos reserva, e confesso que mal consigo dominar um doentio confrangimento que ás vezes me toma o animo, ao visionar os

angustiosos transe que todos poderemos passar, se o incendio que á distancia rompeu, funestamente alastrar para mais perto; mas, repito, em presença d'esta natureza embalsamada e ridente, que só nos convida a amar e a sorrir, custa-me a acolher a idéa d'um perigo e ponho-me a scismar em como seria deliciosamente doce imaginar que todos os portuguezes acabavam emfim por entender-se, harmonisando-se e unindo-se n'uma inexpugnavel familia para a paz ou para a luta, defendendo-se e defendendo o solo sagrado que é a sepultura dos seus avós e devem querer seja tambem o berço risonho dos seus netos.

«Siempre que el viento sopla en nuestra vida,  
Va, mas que nubes, arrastrando sueños.»

Vem-me á lembrança estes dois preciosos versos d'um modelar soneto de Campoamor, e mesmo contra vontade, surprehendo-me a perguntar: e se soprar o vento, que sonhos nos arrebatará? ou em que realidade nos deixará ficar?

Santa amiga, diga-me, diga-me como hei-de vencer este pesadelo que conforme vê, vence a propria alacridade do ambiente e que nem mesmo se desfaz em presença dos bandos de galantes raparigas, d'uma formosura tão fresca, d'uma mocidade tão estonteante, d'uma alegria tão communicativa, que inundam agora as ruas d'esta apesar de tudo encantadora Lisboa, a qual mau grado quanto d'ella em seu desabono se insinue, se civilisa e se afina, e já nos apresenta na graça donairoza das suas mulheres poemas sem conto de elegancia e de bom gosto, de distincção e de finura, e onde novos templos erguidos á moda e ao vestuario (e, como taes, maravilhas de arte e de luxo), servem de commentario pratico aos que com malevola persistencia não vêem em torno senão negrumes cada vez mais densos.

Eu, ao menos, se tambem os vejo, não deixo de igualmente ver a face luminosa e viva de muita coisa linda que por ahi vae surgindo, e até no mero dominio abstracto dos sentimentos e das idéas, iniciativas noto que outra face d'uma belleza esthetica, da mais intensa luz e da mais eloquente propaganda, a todos nos revelam futuras fontes de trabalho e de riqueza.

A alta e fecunda iniciativa da illustre professora D. Aurelia de Miranda, concebendo e dando realidade aos chamados recreatorios escolares, que serão aos domingos distracção simultaneamente educativa e alegre para as alumnas da escola primaria, é uma d'aquellas transcendentés e formosissimas cousas que lá dentro trazem ensinamentos varios e suggerem considerações innumerables.

Já um d'elles funciona sob o olhar attento

e a direcção consciente da sua benemerita iniciadora, outros se lhe seguirão, e aqui tem a minha amiga como ao mesmo tempo que o nosso bello sexo se esmera a pensar com requintes de cultura na escolha d'um chapeu ou no córte de um vestido, principia a ter quem se dedique a levantar-lhe o espirito e afinar-lhe o character, dando-lhe aquella alta distincção psychica que depois se traduzirá na elevação da raça e na grandeza da propria mentalidade nacional.

Abençoada tentativa e bem dita iniciadora.

Affonso Vargas.



## PORTUGAL

Abriram no dia 1 d'este mez os trabalhos annuaes da *Academia de Amadores de Musica* com uma sessão solemne, seguida de um pequeno mas interessante concerto em que brilharam algumas das melhores discipulas da prestimosa instituição.

Presidiu á sessão o sr. João Vinha, um dos directores da *Academia*, e foi dada a palavra ao professor Thomaz Borba, que enalteceu em breves e eloquentes palavras os serviços prestados por esta sociedade ao ensino e propaganda da musica entre nós.

No concerto tomaram parte as meninas Maxima Loff e Adriana Virginia Alves da Silva (piano), Emilia Ledo (violino) e Irene de Freitas (violoncello), sendo todas muito applaudidas.

\*  
\*\*

O maestro Augusto Machado vae escrever um drama lyrico cujo assumpto é devido ao illustre escriptor Julio Dantas.

\*  
\*\*

A casa Senart et Roudanez, 20 Rue du Dragon, Paris (VI<sup>e</sup>), prepara uma Anthologia de Musica Contemporanea, que pela modica subscrição de 12 fr., dá para cima de 50 obras ineditas de compositores como: Bréville, d'Indy, Roussel, Ropartz, Schmitt, etc., etc. Ao lado d'estes notaveis artistas temos o prazer de ver figurar o nome do nosso compatriota maestro Augusto Machado.

E' uma consideração justa pelo merito do nosso illustre compositor.

\*  
\*\*

A época de inverno no Jardim Passos Manuel, do Porto, inaugurou-se com um optimo sexteto, de que fazem parte os srs. Cecilio Görner, Juan Casaux, José Bonet, José Ballesteros, M. Jorge Paiva e Amadeu de Almeida.

\*  
\*\*

Annunciam-se no theatro Republica seis concertos d'orchestra, sob a direcção do sr. Pedro Blanch.

O primeiro concerto da série é no proximo domingo, 17, em *matinée*.

\*  
\*\*

Com o sr. Arnaldo Augusto Gonçalves consorciou-se em principios d'este mez no Porto, a sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Cyriaco de Cardoso, filha do fallecido maestro do mesmo apelido.

\*  
\*\*

Está de novo entre nós a professora-pianista, sr.<sup>a</sup> D. Adelina Rosenstock, que esteve algum tempo em Berlim aperfeiçoando-se na sua arte.

A sympathica artista tenciona abrir um curso de piano e dar um concerto de apresentação.

\*  
\*\*

Foram oferecidas a esta redacção as seguintes novidades musicas: — *Quatuor* para cordas de Joaquim Turina; *Horizons* de Raoul Bardac; *Ballade, Lied, Prélude et fugue* de Paul Bazelaire; *Les Crépuscules* de Charles Bredon; *Sonatine, Valses-caprices* de Swan Hennessy; *Scènes enfantines* de Mel-Bonis; *Visão do Passado*, gavota de A. Guerreiro Saguer; *Arias, Rézas, Canções e Cantares* de La-Cruz-Quesada.

Salvo as duas ultimas, todas essas obras são da acreditada casa editora de E. Demets, de Paris, e constituem interessantes especimens de musica moderna.

A *Visão do Passado* é uma peçazinha de salão, que muito honra a talentosa compositora que a firmou; é de mediana força e bastante caracteristica.

Quanto á collecção de musicas de genero popular, que o moço compositor La-Cruz-Quesada publica em collaboração com o mimoso poeta Augusto de Santa Rita, estamos em crer que se vulgarizará rapidamente, como succede quasi sempre com as composições

d'esse genero, tão querido do nosso publico amador.

Recommendamos pois aos nossos leitores todas as composições citadas e agradecemos a offerta que nos foi amavelmente endereçada.

\* \*  
\* \*

Foi nomeado professor da Casa Pia o violinista Julio Cardona.

\* \*  
\* \*

O professor Carlos de Mesquita, que se encontra actualmente em Lisboa, dará um concerto em 28 d'este mez no salão Lambertini.

\* \*  
\* \*

Por iniciativa do maestro Sarti está-se organisando em Lisboa uma *Sociedade de Propaganda de Musica Coral*, cujos fins são altamente meritorios e hão-de merecer a plena aprovação de todos os que se interessam pela musica no nosso paiz.

No proximo numero daremos copia da circular que á ultima hora recebemos e vem firmada por muitos dos nossos principaes artistas e amadores.

### ESTRANGEIRO

Em Madrid, foram dados premios a duas operas: de Conrado del Campo e Vicente Anogui.

Estas obras e uma terceira de Tomás Breton vão subir á scena esta epocha no *Theatro Real*.

\* \*  
\* \*

N'um concurso do Circulo de Bellas Artes, da mesma cidade foram apresentadas 39 obras de orchestra sendo as mais importantes uma symphonia de Calès e dois poemas symphonicos: *Las Hilanderas*, de Rogelio Villar e *Hero e Leandro* de F. de La Viña.

\* \*  
\* \*

Foi muito applaudida em Hamburgo a symphonia *Itala-Tedesca*, de Neglia, director de um conservatorio particular na cidade livre.

\* \*  
\* \*

Conrado del Campo terminou mais duas composições: *Caronte*, que forma parte de uma gigantesca suite sobre a *Divina Commedia* de Dante, e uma opera: *Granada*.

Tocarão tambem esta epocha em Madrid, os pianistas: Risler e Ricardo Viñes.

\* \*  
\* \*

Vae ser brevemente executado pela Philharmonica de Hamburgo o *Concerto para orchestra á antiga*, de Max Reger.

\* \*  
\* \*

Uma obra desconhecida de Listz: *Titan* para barytono solo e orchestra vae ser executada em Weimar sob a direcção do conservador do *museu Listz*.

\* \*  
\* \*

A *Gessellschaft der musikfreunde* de Vienna, está preparando para esta epocha as festas do seu centenário.

\* \*  
\* \*

A successão de Jan Blokxx na direcção do Conservatorio de Antuerpia, foi dada ao compositor Emile Wumbach.

\* \*  
\* \*

Annunciam de Genebra a primeira representação do conto lyrico de Louis Anbert: *La forêt Bleue*.

Esta obra põe em scena os principaes personagens dos contos de fadas de Perrault.

\* \*  
\* \*

O infatigavel Ricardo Strauss terminou um grande còro *a capella*.

\* \*  
\* \*

Os programas da Schola Cantorum de Paris, para a epocha de 1912 e 1913, são os seguintes:

*Os três Bach*. — *O Lied instrumental e vocal*. *Freischütz*. — *Historia da Symphonia*. — *O canto do sino de V. d'Indy*.

\* \*  
\* \*

O primeiro concerto da *New York Symphony Orchestra* teve o seguinte programma: *Tableau Symphonique*, Fanelli; *Uma pagina de Homero*, Rimsky-Korsakoff; *Ma mère i'Oye*, suite, Ravel; e *Conto de fadas*, de Victor Kolar.

\* \*  
\* \*

Charpentier foi eleito membro do Instituto de França. Algumas revistas commentam de resto bem innocentemente o acontecimento que não representará na vida do incorrigivel

a... rutilante farda e o espadim de academico. Elle que tão embaraçado se confessou na première da *Louise* com a simples casaca de toda a gente.

Vincent d'Indy fez constar publicamente que não concorria. Messenger que era candidato não foi eleito.

\*  
\*\*

Está-se organisando um concerto no *Albert-Hall* de Londres exclusivamente composto de obras do fallecido compositor inglez Samuel Coleridge Taylor em beneficio da sua viuva e filhos.

\*  
\*\*

Max Reger terminou uma *Suite romantica* que o conhecido Ernst von Schuch, de Dresde dirigirá nos concertos d'essa cidade. Consta mais, que, no dia dos annos do sympatico regente lhe foi offerecida a quantia de 25 contos, producto de uma subscrição.

\*  
\*\*

O *Parsifal* vae ser representado em francez em Monte-Carlo em janeiro proximo. O empresario desafiando as leis internacionaes dará as representações à *bureaux fermés*. *Parsifal* é desempenhado pelo tenor Rousselière. Kundry pela Bréval. E a tradução que é em verso deve-se ao proprio empresario mr. Gunsbourg.

\*  
\*\*

*Ma mère l'Oye*, bailado de Ravel represen-

tado na estação passada em Paris com grande exito vae ser posto em scena muito breve em Bruxellas, Marselha, Lyão, Cannes, S. Petersburgo, e *Adelaide* do mesmo compositor e tambem bailado vae ser representado em S. Petersburgo e em Boston.



Falleceu o sr. Luiz Castanho Lopes Garcia, professor espanhol ha muito domiciliado em Lisboa.

Foi violinista em varias orchestras de theatro e bandolinista da *troupe* Freitas Gazul.

Contava apenas 26 annos de idade.

\*  
\*\*

Noticiamos tambem a morte do sr. Rodolpho Chrispim José Puga, antigo professor de musica e organisador de orchestras e sextetos.

\*  
\*\*

Na Cruz Quebrada falleceu o sr. Belmiro Augusto Carneiro, a cuja viuva, a illustre pianista sr.<sup>a</sup> D. Elvira de Mattos Carneiro, apresentamos as mais sentidas condolencias.

---

**Pianos** das principaes fabricas: **Bechstein, Pleyel, Gaveau, Kaps, Bord, Otto**, etc. x x

**MUSICA** dos principaes editores — **Edições economicas** — Aluguel de musica. x

**Instrumentos diversos**, taes como: **Bandolins, violinos, flautas, ocarinas**, etc.

PEÇAM-SE OS CATALOGOS



Praça dos Restauradores

**CASA LAMBERTINI**